

Comprar uma casa ou escolher qual roupa vestir hoje?

Quando pensamos no mercado de ações brasileiro para 2025, logo surge a percepção de um cenário desafiador. Dífceis escolhas precisarão ser feitas, há muito risco envolvido, e a tentação de "ficar de fora" pode parecer sensata. De fato, antes mesmo do ano começar, já sabíamos que 2025 seria turbulento, mas não sabíamos exatamente o quão turbulento.

De um lado, temos um mercado desacreditado no atual plano fiscal do governo; do outro, um governo que demonstra pouca disposição para tomar decisões que acalmem os investidores. Essa combinação é explosiva. Para ilustrar, é como aquele experimento de ciências da escola: um vulcão de maquete, onde o bicarbonato transborda ao entrar em contato com o vinagre.

O resultado dessa incerteza foi uma nova alta na taxa básica de juros, a Selic, que subiu 1%, atingindo 13,25% ao ano. Um aumento que, há poucos meses, seria considerado exagerado e motivado apenas por interesses de grandes bancos. No entanto, o propósito da Selic é claro: tentar conter a inflação, medida pelo IPCA, que, segundo a revisão do Boletim Focus de 31 de janeiro, foi ajustada de 4,99% há 4 semanas para 5,51% atualmente, na expectativa para o final de 2025.

Mas o que a Selic tem a ver com ações? Ela não é apenas um indexador da renda fixa?

O principal impacto está no custo do financiamento para as empresas. Juros mais altos tornam o crédito mais caro: um empréstimo para adquirir matéria-prima se torna mais oneroso, assim como o financiamento para uma nova máquina. Com isso, as empresas precisam priorizar projetos e operar da maneira mais enxuta possível.

Os investidores reagem a essa realidade e pensam: "Melhor não investir em empresas, pois elas terão dificuldades financeiras, podem quebrar, e eu não quero perder dinheiro. Melhor ficar na renda fixa." Esse é um reflexo puramente comportamental, explicado pelo conceito de "aversão à perda" da economia comportamental. O investidor não teme o risco, ele teme perder. E, embora essa reação seja natural, não é o ideal quando se busca uma carteira de investimentos bem estruturada.

Vamos fazer um exercício mental: quantas empresas você acredita que podem "quebrar" em 2025? Três? Cinco? Dez? Se isso acontecer, elas teriam falido exclusivamente por conta dos eventos de 2025 ou já havia sinais de fragilidade em anos anteriores?

Outro exercício: quantas empresas já atravessaram inúmeras crises financeiras ao longo da história? O que essas empresas fizeram para sobreviver? Elas têm chances de passar por mais um período difícil?

Essas são perguntas que todo investidor deveria se fazer. Porém, muitos ignoram essas reflexões e acabam tomando decisões superficiais. A questão central é: como analisar e selecionar boas empresas para investir sem cair no erro de ser excessivamente pessimista ou otimista?

Empresas que têm estrutura para suportar momentos turbulentos possuem menos necessidade de recorrer a dívidas caras. Logo, apresentam maiores chances de sobrevivência e até mesmo de continuar entregando bons resultados.

Mas como escolher essas empresas? Como selecionar, entre mais de 400 companhias listadas na B3, aquelas que estão preparadas para enfrentar dificuldades e, além disso, gerar retornos atrativos para seus acionistas, superando a Selic ajustada ao risco?

A resposta para essa questão é a base da filosofia do ATR FIA. Buscamos empresas que realmente ofereçam valor e crescimento no longo prazo, fundamentadas em dados concretos e sólidas expectativas, deixando de lado subjetividades e achismos.

Investir em ações deve se parecer mais com "comprar uma casa para viver o resto da vida" do que "escolher a roupa do dia".

Ao comprar uma casa, você avalia sua estrutura (pessoas e processos), o terreno onde está construída (mercado de atuação), a segurança (solidez financeira) e se ela atende às necessidades dos moradores (distribuição de lucros). A casa precisa ser resistente a chuvas e tempestades, não apenas confortável em dias ensolarados.

Por outro lado, escolher uma roupa é algo passageiro, em que tudo irá depender do clima do dia, o local onde você está indo, como está seu humor no momento ou quem você irá encontrar, envolvendo muitas escolhas emocionais e situacionais e a decisão é baseada no que parece adequado para aquele momento. E essa tentativa de "acertar o melhor momento" no mercado de ações tem se mostrado uma armadilha.

Entre o início de 2023 e o final de 2024, o Ibovespa acumulou uma valorização de 9,61%. Foram 499 pregões. Se retirarmos apenas os 10 dias de maior valorização desse período, o retorno do índice se tornaria negativo em -14,63%. Uma diferença impressionante e impossível de ser prevista, mas que pode ser mitigada pela escolha de boas "casas", que resistam aos ciclos do mercado, faça chuva ou faça sol.

Nossa razão de viver é encontrar casas onde possamos morar com segurança, e não simplesmente escolher a roupa do dia. Essa atitude é o que nos permite atravessar cenários caóticos, imprevisíveis e, para muitos, devastadores.

Tendo contextualizado a situação, é importante falar em performance e resultados: em dezembro de 2024 o ATR FIA completou dois anos de história, com uma valorização acumulada em 36,23%, contra 15,94% de seu benchmark, o Ibovespa. Rentabilidade maior aliada a uma menor volatilidade, trazendo menos altos e baixos na carteira dos investidores.

A rentabilidade do ATR FIA foi de 6% no mês de janeiro, enquanto o Ibov apresentou valorização de 4,86%.

Começamos 2025 com o pé direito, com a mesma confiança de que as casas em que escolhemos morar possuem todos os atributos que precisamos para enfrentar cenários adversos e vivermos confortáveis por longos anos.